

**ATLAS LINGUÍSTICOS REGIONAIS BRASILEIROS:  
ITENS LEXICAIS SINÔNIMOS E PARASSINÔNIMOS**  
BRAZILIAN REGIONAL LANGUAGE ATLAS:  
SYNONYM AND PARASSYNONYM LEXICAL ITEMS

*Maria do Socorro Silva de Aragão*  
Universidade Federal do Ceará (UFCE)  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB  
socorro.aragao@terra.com.br

*As distinções entre sinônimos são um grande desafio ao engenheiro do  
lexicógrafo.*  
Ullmann (1964:298)<sup>6</sup>

**Resumo:** Os estudiosos da semântica, desde tempos imemoriais, têm dado destaque particular ao problema da sinonímia e a partir desses estudos, questões as mais diversas são levantadas sobre a existência ou não de sinônimos. Se eles existem, como são definidos, como funcionam, qual o seu *status*, em termos cognitivos e/ou afetivos, se eles são absolutos ou parciais, se estão limitados à denotação ou se ligados à conotação em cada contexto particular. É a partir desses questionamentos e discussões que surge a noção de parassinônimos, quase sinônimos, sinônimos parciais e sinônimos em discurso, para designar "*termos de mesmo sentido porém onde as distribuições não são exatamente equivalentes*", no dizer de Galisson e Coste (1976:399)<sup>7</sup>. Nosso trabalho procurará buscar, na literatura especializada, resposta à questão: os itens lexicais dos Atlas Linguísticos constituem sinônimos ou parassinônimos? Como *corpus* para essa análise utilizaremos os cinco primeiros Atlas Linguísticos Regionais do Brasil publicados: Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe e Paraná.

**Palavras-chave:** Sinonímia. Parassinonímia. Variantes Regionais. Atlas

---

<sup>6</sup> ULLMANN, Stephen. (1964): *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 298.

<sup>7</sup> GALISSON, Robert. / COSTE, D.( 1976): *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris: Hachete, p. 399.

Linguísticos.

**Abstract:** Our work will try to find in the specialized literature an answer to the question: do the lexical items of the linguistic atlas constitute synonyms or paronyms ? We will use as the corpus for this analysis the first five published Regional Linguistic Atlas of Brazil: Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe and Paraná. For this analysis we will work with the lexical items of some lexical letters from the semantic field “atmosphere phenomena”, “the human body” and “culture and living” from the five selected Brazilian Atlas. The lexical items analyzed are: rainbow, falling star, scrooge, uterus and kneecap, looking into each one of them the regional variations and at the same time discussing if these variables are synonym or paronym.

**Key words:** Synonymia. Paronymia. Regional variants. Linguistic atlas.

### 1. As unidades lexicais e sua significação

Embora o estudo dos sinônimos e, conseqüentemente, dos parassinônimos, esteja ligado ao significado e logo, à semântica, a abordagem primeira, básica, tem que ser do léxico, da lexicologia e da lexicografia e, posteriormente, à sintaxe da frase ou enunciado.

A afirmação de Ulmann na epígrafe é confirmada por Barbosa (1998:19/20) quando diz:

Em qualquer das fases metodológicas de elaboração da macroestrutura, da microestrutura e dos processos de remissivas de uma obra lexicográfica e/ou terminológica, a aplicação das relações de significação, ou seja, das relações que se estabelecem entre o plano do conteúdo e o plano da expressão das unidades lexicais, é de fundamental importância.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> BARBOSA, Maria Aparecida. (1998) Relações de significação nas unidades lexicais. In: CARVALHO, Nelly Medeiros / SILVA, Maria Emília Barcellos da. 1º ENCONTRO VOL. 16 - ANO 35 - Nº 1 - 2011

Os tipos de relações de sentido existentes entre itens lexicais são determinados pela função dessas relações. Assim, o significado é uma função das relações de significado, como diz Lyons (1974:101)<sup>9</sup>

Ao comentar as relações sinonímicas de sentido, Lopes (1976:255) diz que:

[...] o sentido dos elementos linguísticos é um sentido relacional e é uma consequência derivada do caráter estrutural dos signos [...] <sup>10</sup>

Complementa o pensamento ao afirmar que:

[...] a sino(nímia) não é, contrariamente ao que se crê, uma propriedade das palavras em si, mas é, isto sim, uma propriedade estrutural do código, ou melhor, das relações que instauram as estruturas <sup>11</sup>

Ao falar sobre as relações de significação dos itens lexicais, Cruse (1991:1) afirma que as propriedades semânticas de um item lexical são plenamente refletidas nos aspectos das relações que mantém com contextos atuais e potenciais. Diz ele que o significado de uma palavra é constituído por suas relações contextuais. Em suas palavras:

[...] the meaning of a word is constituted by its contextual relations. <sup>12</sup>

Encerra seu pensamento ao dizer que a unidade lexical é a união de uma forma lexical e um sentido único.

O mesmo autor dissertando, ainda, sobre as propriedades semânticas de um item lexical diz:

[...] The semantic properties of a lexical item are fully reflected in appropriate aspects of the relations it contracts with actual and potential contexts. <sup>13</sup>

---

NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA e TERMINOLOGIA DA ANPOLL. *Anais*. Recife: UFPE/CNPq, p. 19/20.

<sup>9</sup> LYONS, John (1974): *Semântica estrutural*. Lisboa: Presença, p. 101.

<sup>10</sup> LOPES, Edward (1976): *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, p. 255.

<sup>11</sup> LOPES, Edward (1976): *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, p. 256.

<sup>12</sup> CRUSE, D. A. (1991) . *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, p.16.

**VOL. 16 - ANO 35 - Nº 1 - 2011**

Assim, as relações e o contexto real ou potencial do item lexical é que determinarão seu conteúdo semântico.

Para Cruse (1991:86), há dois tipos básicos de relações de significação do item lexical: as relações paradigmáticas e as relações sintagmáticas. Diz ele que as **relações paradigmáticas** representam sistemas de escolha que o falante faz quando codifica suas mensagens, acrescentando, ainda, que:

Paradigmatic relations, for the most part, reflect the way infinitely and continuously varied experienced reality is apprehended and controlled through being categorized, subcategorized and graded along specific dimensions of variation.<sup>14</sup>

Já as **relações sintagmáticas** servem para dar coesão à mensagem, acrescentando-lhe redundância informacional. Em suas palavras:

Syntagmatic aspect of lexical meaning, on the other hand, serves discourse cohesion, adding necessary informational redundancy to the message, at the same time controlling the semantic contribution of individual utterance elements through disambiguation, for instance, or by signaling alternative - e.g. figurative - strategies of interpretation.<sup>15</sup>

## 2. Sinonímia e parassinonímia

As diferentes definições e delimitações da sinonímia partem de princípios e bases diversas, razão porque, dependendo do ponto de que se parte, essas definições ora se opõem, ora se complementam.

Para Crystal (1988:453), a sinonímia é:

---

<sup>13</sup> CRUSE, D. A. (1991):. *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1.

<sup>14</sup> CRUSE, D. A (1991): *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 86.

<sup>15</sup> CRUSE, D. A. (1991): *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 86.

Termo usado na semântica com referência a um importante tipo de relação de sentido entre os itens lexicais: os itens lexicais que têm a mesma significação são sinônimos - estão em relação de sinonímia.<sup>16</sup>

Lyons (1979:453) concorda com Crystal quando diz que a sinonímia é uma relação de sentido, mostrando que, neste caso, não é uma questão de referência. Segundo ele:

Visto que a identidade de significado - a sinonímia - é uma relação que se estabelece entre duas ou mais unidades vocabulares, é uma questão de sentido e não de referência.<sup>17</sup>

Acrescenta ele, ainda, que a “sinonímia é estabelecida entre unidades lexicais e não entre sentidos”.

Alguns autores ligam a sinonímia ora ao aspecto cognitivo, afetivo ou denotativo e outros ao conotativo. Dependendo dessas visões podem surgir controvérsias uma vez que o sentido poderia ficar à mercê de aspectos subjetivos do emissor/receptor, o que seria por demais difícil para o lexicógrafo, por exemplo, elaborar suas definições e remissões.

Ao tratar da sinonímia cognitiva, Cruse (1991:270) a define como “um par de itens lexicais que tenham certas propriedades semânticas em comum”.<sup>18</sup>

Diz ele que são poucos os pares dos chamados sinônimos absolutos, uma vez que eles, de alguma forma, terão alguma diferença de sentido. Vejamos sua afirmação:

[...] very few pairs of cognitive synonyms are absolute synonyms [...] in the majority of cases a lexical item must, in some respects at least, be different in meaning from any of its cognitive synonyms.<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> CRYSTAL, David (1988): *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 453.

<sup>17</sup> LYONS, John (1979): *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Nacional, p. 453.

<sup>18</sup> CRUSE, D. A. (1991): *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 270.

<sup>19</sup> CRUSE, D. A. (1991): *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 270-271.

Ainda tratando do sinônimo absoluto, Cruse (1991:277) diz que há uma grande distinção entre os dois modos de manifestação dos itens lexicais. Para ele os dois modos de manifestação dos itens lexicais são: o modo proposicional e o modo expressivo.

O **modo proposicional** depende da atitude proposicional expressa na frase na qual opera o item, ou seja, se é uma afirmação, interrogação, comando ou exclamação, por exemplo.

No **modo expressivo**, o significado do item lexical não determina uma condição verdadeira, mas pode reforçar a intensidade de determinado sentido.

Assim, o significado inerente de um item lexical pode ser construído de um ou de ambos os tipos de significado. Se dois itens lexicais são sinônimos cognitivos, então, serão idênticos nos traços proposicionais, mas podem diferir nos traços expressivos.

Complementando sua visão de **sinônimo absoluto**, Cruse (1991:290) diz que ele não é natural e é instável. Em suas palavras:

Absolute synonymy was shown to be a somewhat rare phenomenon, but whereas there is reason to believe that absolute synonymy is in some sense unnatural, and very probably unstable...<sup>20</sup>

Matthews (1997:367), ao definir sinonímia, mostra que:

[...] relação entre duas unidades lexicais com um sentido compartilhado - sinônimo absoluto, se eles existem, têm significado idêntico em todos os aspectos e em todos os contextos.<sup>21</sup>

Genouvrier e Peytard ao definirem a sinonímia dizem:

A sinonímia define-se, de modo muito geral, pela equivalência que o locutor pode estabelecer entre palavras diferentes quanto aos significantes (fonia/grafia). Um

---

<sup>20</sup> CRUSE, D. A. (1991): *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 290.

<sup>21</sup> MATTEWS, Peter (1997): *The concise Oxford dictionary of linguistics*. Oxford: Oxford University Press, p. 367.

mesmo significado realiza-se em significantes diferentes: *distinguir e diferenciar; imprevisto, inesperado, inopinado.*<sup>22</sup>

Relacionam, assim, a sinonímia ao uso que o falante faz das variantes léxico-semânticas de cada item lexical.

Greimas e Courtés mostram que o que define o sinônimo é a relação de identidade entre dois lexemas. Dizem eles:

(sinonímia) É a relação de identidade que duas ou mais grandezas (nesse caso chamadas de sinônimos) no plano do conteúdo seriam suscetíveis de contrair entre si. Tal relação, entre dois lexemas seriam substituíveis em todos os contextos, mostrando assim que os semas contextuais – que entram na composição de seus sememas – são idênticos.<sup>23</sup>

A questão, e a discussão a partir dela, é se há sinônimos e se eles são ou podem ser absolutos ou não, surgindo a partir daí a noção de parassinônimo e suas demais denominações: sinônimo parcial, quase sinônimo, sinônimo incompleto, sinônimo de discurso e pseudosinônimo.

A certeza que todos têm atualmente é a de que **não há sinônimos perfeitos nem absolutos**, uma vez que os sememas de dois itens lexicais não recobrem totalmente um ao outro, ou seja, os semas genéricos, específicos e virtuais não podem ser totalmente iguais. Haverá sempre, pelo menos, um sema diferente. Para Matthews (1997:178) o que existe são sinônimos parciais que:

[...] têm sentido idêntico em alguns contextos, ou idênticos apenas ao substituir um outro que não muda as condições de verdade de uma sentença<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> GENOUVRIER, E.; PEYTARD, S. *Linguística aplicada ao português*. Coimbra: Almedina, 1974, p. 319,

<sup>23</sup> GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 427.

<sup>24</sup> MATTEWS, Peter. (1997): *The concise Oxford dictionary*. Oxford: Oxford University Press p. 368.

Outro aspecto importante envolvido na discussão de sinonímia - parassinonímia, é a noção de contexto.

O contexto pode ser linguístico, mas, também, extralinguístico, como o espacial ou geográfico, o temporal, o situacional ou o técnico, por exemplo, em que a similaridade de dois itens lexicais pode ocorrer num desses e não se realizar em outros. Barbosa (1998:31) mostra que “são casos de parassinonímia as paráfrases culturais, as diferentes «visões» para o mesmo esquema conceptual, as variantes diacrônicas, diatópicas, diastráticas e diafásicas”.

Pierre Auger classifica a sinonímia a partir das variações diatópicas, diastrática, diacrônicas e diafásicas ao classificá-las em:

- a) Sinonímia geográfica ou regional;
- b) Sinonímia cronológica ou temporal;
- c) Sinonímia de nível de língua;
- d) Sinonímia profissional;
- e) Sinonímia funcional;
- f) Sinonímia de concorrência ou socioeconômica.<sup>25</sup>

Cruse (1991:282-283) diz que a variação geográfica não tem muita significação para os sinônimos ou parassinônimos, mas que a variação social é de primordial importância, fato que não foi confirmado em nosso *corpus*.

Ao definir parassinonímia, Xavier e Mateus (1992:288) dizem que parassinônimos são os:

[...] termos que têm o mesmo significado, mas não têm distribuições exactamente equivalentes, i.e., que não são comutáveis em todos os contextos<sup>26</sup>

Galisson e Coste (1976:399) acrescentam a isto o conceito de uso, emprego, registro e domínio da experiência, para fechar o conceito

---

<sup>25</sup> AUGER, P. Essai d'elaboration d'un modele terminologique/terminographique variationniste. In : **TradTerm**. V.7. São Paulo : Humanitas, 1994.

<sup>26</sup> XAVIER, Maria Francisca / MATEUS, Maria Helena Mira (orgs.) (1992):*Dicionário de termos Linguísticos*. Lisboa: Cosmos, v. II, p. 288.

de parassinônimo:

Por vezes, o desvio distribucional não é devido à especialização em domínios da experiência diversa, mas observa-se em registros de discurso diferente.<sup>27</sup>

Finalmente, uma visão da parassinonímia em termos de relações de conjunto significante e conjunto significado nos dá Barbosa (1998:21), dizendo que ela ocorre quando:

[...] a dois ou mais elementos do conjunto significante, em relação de oposição disjuntiva, correspondem dois ou mais elementos do conjunto significado, estes em relação de oposição transitiva.<sup>28</sup>

### **3. Os itens lexicais dos atlas linguísticos e sua relação de significação**

Uma das bases da Geografia Linguística é o estudo das variações diatópicas, ou geográficas, no nível do léxico. É nessas variações, como também nas fonéticas, onde se encontram as marcas delimitadoras dos falares regionais.

A afinidade de significados, como diz Pottier (1974,1987), que é encontrada na parassinonímia, pode situar o falante em diferentes subsistemas como o espacial, temporal, situacional ou de tecnicidade

Para nosso objetivo trabalharemos em termos de contexto espacial.

#### **3.1. Os atlas linguísticos regionais do Brasil**

O Brasil já possui, até o momento, vinte e dois Atlas Linguísticos realizados, dos quais dez publicados. Os Atlas Linguísticos estaduais brasileiros publicados são: o Atlas Prévio dos Falares Baianos

---

<sup>27</sup> GALISSON, Robert / COSTE, D. (1976): *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris: Hachete, p. 399.

<sup>28</sup> BARBOSA, Maria Aparecida. *Relações de significação nas unidades lexicais*. In: CARVALHO, Nelly Medeiros / SILVA, Maria Emilia Barcellos da (Orgs.) (1998): ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA e TERMINOLOGIA DA ANPOLL. *Anais*. Recife: UFPE/CNPq, p. 21.

(1963), o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (1977), o Atlas Linguístico da Paraíba (1984), o Atlas Linguístico de Sergipe (1987), o Atlas Linguístico do Paraná( 1994), o Atlas Linguístico de Sergipe II (2002), o Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará (2004), o Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul (2002) que é o único Atlas Regional brasileiro, o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (2007) e Atlas Linguístico do Ceará (2011).

Os doze últimos Atlas elaborados, mas ainda não publicados, são o Atlas Linguístico do Amazonas, tese defendida na UFRJ em 2004, o Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara, dissertação defendida na UFRJ em 2006; o Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã-MS: Um Registro das Línguas em contato na Fronteira do Brasil com o Paraguai, dissertação defendida na UFMS, em 2006, o Atlas GeoLinguístico do Litoral Potiguar tese defendida na UFRJ em 2007, o Atlas Linguístico do Paraná II, tese defendida na UEL em 2007, o Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro, Tese defendida na UFRJ, em 2008, o Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, dissertação defendida n UFMS, em 2009, Atlas Linguístico do Iguatu-Ceará. Dissertação defendida na UFC, em 2009. Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco, dissertação defendida na UFPB, em 2009, Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilha Bela, São Sebastião e Ubatuba: municípios do litoral norte de São Paulo. Dissertação defendida na USP, em 2010, Atlas linguístico de Buíque, Monografia defendida na UPE, em 2011 Atlas Linguístico de Capistrano – Ceará, dissertação defendida na UECE, em 2011.

Outros quinze Atlas estaduais e municipais encontram-se em fase avançada ou inicial de elaboração por grupos específicos de pesquisa geolinguística, como teses ou dissertações, como o Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro, o Atlas Linguístico de São Paulo, o Atlas Linguístico do Acre, o Atlas Linguístico do Mato Grosso, o Atlas Linguístico do Espírito Santo, o Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará, o Atlas Linguístico do Maranhão, o Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte, o Atlas Linguístico do Piauí, o Atlas Linguístico de Rondônia, o Atlas linguístico-contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata (ALMA-H): Hunsrückisch, o Atlas linguístico e etnográfico da Região Oeste do Paraná, o Atlas linguístico do Oeste de São Paulo, o Atlas

Linguístico da Mesorregião do Oeste Potiguar, o Atlas Linguístico de Pernambuco.

Nossa análise, neste trabalho, será feita com itens lexicais dos Atlas Linguísticos da Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe e Paraná.

### 3.2. Análise de cartas léxicas

Para nossa análise trabalharemos com itens lexicais de algumas cartas léxicas dos campos semânticos “fenômenos atmosféricos”, “o corpo humano” e “cultura e convívio”, dos cinco Atlas brasileiros publicados.

#### 3.2.1. Arco-íris

O conceito de **barras coloridas que aparecem no céu, antes ou depois da chuva**, apresentou, nesses Atlas, as seguintes variações:

##### a) Na Bahia

Arco-íris	Arco	Arco-celeste
Arco-da-velha		
<b>Arco de velho</b>	<b>Arco-de-boi</b>	<b>Arco-da-aliança</b>
<b>Sete-couros</b>		
Barra-de-nuvem		

##### b) Em Minas Gerais

Arco-íris	Arco-da-velha	Arco-da-aliança	
Arco-do-sol			
Rabo-de-galo	Olho-de-boi	Mãe-d'água	Rabo-
de-pavão			
Navio			

##### c) Na Paraíba

Arco-íris	Arco-celeste	Olho-de-boi
As barras		
Sub-dourada	As torres	Os véus
Os vieiras		
Arco		

##### d) Em Sergipe

Arco-íris	Arco-celeste	Arco-da-velha
-----------	--------------	---------------

VOL. 16 - ANO 35 - Nº 1 - 2011

Arco-de-boi

Arco-de-velho Olho-de-boi

**e) No Paraná**

Arco-íris Arco-da-aliança Arco-da-velha

Arco-de-velho Arco-da-aliança de Jesus Arco-da-nova-aliança Aliança de Cristo com os homens

Das vinte e três variantes encontradas para a forma básica, **arco-íris**, ela foi a única a ocorrer em todas as regiões. Outras formas, como *arco-celeste*, *arco-da-velha*, *arco-da-aliança* e *arco-de-velho*, são comuns a algumas regiões, mas não a todas.

Pode-se observar, neste caso, que o sema genérico comum a quase todos os itens lexicais é a forma de *arco* como se apresentam as **barras coloridas que aparecem no céu, antes ou depois da chuva**. Dos 40 itens encontrados, 26 têm a forma *arco*, ou seja 65 % do total. Alguns semas específicos e os virtuais é que vão marcar as variantes léxicas de *arco-íris*.

### 3.2.2. Estrela Cadente

A questão referente a Estrela Cadente: **De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu e faz um risco de luz. Como chamam isso?** apresentou as seguintes variações:

**a) Na Bahia**

Zelação Velação Planeta

Cometa

Estrela corredeira

**b) Em Minas Gerais**

Estrela cadente Cometa Planeta

Papa-ceia

Diamante Zelação Estrela de rabo

Satélite

Mãe-do-ouro

**c) Na Paraíba**

Estrela cadente Estrela d'alva Planeta

Zelação

Sete estrelas	Papa-ceia	Viração	
Mercúrio			
Barca	Rabisca	Elevação	Estrela
Mariana			
Deus te abrande	Estrela se mudando		
<b>d) No Paraná</b>			
Mãe-de-ouro	Planeta	Estrela de rabo	
	Satélite		
Cometa	Estrela da guia	Aparelho	
	Diamante		
Rabo de fogo	Estrela do oriente	Estrela Dalva	
Estrela guia	Estrela corredeira	Rabo de estrela	

Num total de vinte e oito itens lexicais que formam as variantes para **Estrela Cadente**, apenas *Planeta* é encontrado nos quatro Atlas em que se encontra esta questão. A seguir, em termos de difusão para outras regiões, vem *Cometa* e *Zelação*. As demais formas aparecem em duas ou em uma das regiões.

Vê-se, que neste caso, o sema genérico de **estrela cadente**, **planeta e cometa** é *astro sem luz própria*, pois mesmo *estrela cadente*, que por ser chamada de estrela deveria ser *astro luminoso*, nas definições de dicionários é «fragmento de matéria do espaço interplanetário que ao penetrar na atmosfera se aquece, tornando-se luminoso», ou seja, ele somente adquire luminosidade ao entrar na atmosfera. Do total de 42 ocorrências, 18 têm como sema genérico *astro sem luz própria*, ou 42 % do total. As demais designações são diferenciadas pelos semas específicos e virtuais, ou são, em alguns casos, variantes fonéticas, que passam a se constituir em um novo item lexical, como no caso de *velação* e *zelação*.

### 3.2.3. Avarento

A questão referente a **pessoa que não gosta de gastar o seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar**, obteve as seguintes variações:

**a) Na Bahia**

<b>Avarento</b>	<b>Canguinho</b>	<b>Usurave</b>
<b>Sovino</b>		
Econômico	Usurento	Morto-de-fome
Morto-a-fome	Seguro	Mão-apertada
por-detrás	Pão-duro	Pechincheiro
Usurento	Somítico	Agarrado

**b) Na Paraíba**

Amarrado	Unha-de-fome	Pica-fumo
Mesquinho		
Sovina	Econômico	Chula
Fona		
Somítico	Seguro	Fominha
Arrochado		
Morto-a-fome	Usurário	Morto-de-fome
Papagaio-no-arame	Agarrado	Enforcado
Resina		Miserável
Dominado pelo dinheiro na parede		Amarrado que nem catarro

**c) Em Sergipe**

Pão-duro	Somítico	Fona
Seguro		
Casquinha	Canguinha	Morto-a-fome
Sovina		
Usurário	Unha-de-fome	

Das trinta e uma variações lexicais para **avarento**, apenas *sovina* (o), *somítico*, *seguro* e *usurário* são comuns às três regiões pesquisadas. As demais formas encontram-se distribuídas de modo irregular entre as regiões.

Neste caso o sema genérico é *não gastar dinheiro*, já os demais itens lexicais estão relacionados à forma até física como o *sovina* guarda seu dinheiro, como nos exemplos de *mão apertada*, *unha de fome*, *agarrado*, *seguro*, *arrochado*, *papagaio no arame*, *amarrado que nem catarro na parede*. Num total de 48 itens lexicais, 12 têm esse sema genérico, 25 % do total. As demais formas encontradas têm semas específicos também comuns, ligados à economia feita pelos *sovinas*,

como, por exemplo, *econômico*, *pão-duro*, *pechinheiro*, *pica-fumo*, *fominha*, *mesquinho*, *dominado pelo dinheiro*.

### 3.2.4. Útero

A questão referente à **parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer**, obteve as seguintes variações:

#### a) Na Bahia

<b>Útero</b>	<b>Ova</b>	<b>Mãe do corpo</b>	
<b>Saco</b>			
<b>Bacia</b>	<b>Senhora do corpo</b>	<b>Dona do corpo</b>	<b>Madre</b>
<b>Comadre</b>			

#### b) Na Paraíba

Útero	Ventre	Mãe do corpo	Ventre
da mãe			
Bacia			

#### c) Em Sergipe

Útero	Companheira	Bacia	Fato
Saco			

#### d) No Paraná

Útero	Barriga	Mãe do corpo	Bacia
Ventre			

#### **Bolsa**

Das quinze variações lexicais para **útero**, são comuns às quatro regiões pesquisadas: *útero*, *mãe do corpo*, *bacia*. As demais formas encontram-se distribuídas de modo irregular entre as regiões.

Nas três formas encontradas em todos os estados pesquisados o sema genérico está relacionado ao lugar onde a criança fica antes de nascer, sendo que em *bacia* a marca é de local do corpo humano onde está o útero e em *mãe do corpo* há uma denotação de raiz, matriz da vida que se gerou. As outras formas encontradas também mantêm os mesmos semas genéricos de local onde a criança é gerada como em *bolsa*, *fato*, *saco*, *ova*, ou matriz da vida, que comanda o corpo, como em *mãe do corpo*, *senhora do corpo*, *dona do corpo*, *madre*.

Dos 25 itens encontrados, 12 têm o mesmo sema genérico, ou seja, 48 % do total.

### 3.2.5. Rótula

A questão referente ao **osso redondo que fica na frente do joelho**, obteve, nos quatro Atlas que consideraram esta questão, a seguinte variação lexical:

#### a) Na Bahia

<b>Rótula</b>	<b>Pataca</b>	<b>Bolacha</b>	<b>Pataquinha</b>
<b>Patinho</b>			
<b>Cotovelo</b>	<b>Bolachinha</b>	<b>Prato</b>	<b>Rodela</b>
<b>Carapuça</b>	<b>Bolinha</b>		

#### b) Na Paraíba

Rótula	Cabeça do joelho	Bolacha
Patinho		
Bolacha do joelho		Bolachinha
Rodinha do joelho		

#### c) Em Sergipe

Rótula	Pratinho	Bolacha	Bola
Patinho	Catoca	Cotovelo	
Carapucinha	Cabeça		

#### d) No Paraná

<b>Rótula</b>	<b>Batata</b>	<b>Pataca</b>
	<b>Patacão</b>	
<b>Bolacha</b>	<b>Travela</b>	<b>Bolacha do joelho</b>
	<b>Travela do joelho</b>	

Num total de vinte e quatro itens lexicais que formam as variantes para **rótula**, são encontrados, nos quatro Atlas onde esta questão é feita, apenas as formas *rótula* e *bolacha*. A seguir, em termos de difusão para outras regiões, vem *patinho*. As demais formas aparecem em duas ou em uma das regiões.

O sema genérico encontrado foi o de osso redondo articulado. Já os específicos e virtuais estão, do mesmo modo, associados à forma arredondada como, por exemplo, em *rodela*, *bolacha*, *bolachinha*, *pataca*, *rodinha*, *prato*.

De 35 itens encontrados, 20 contém o sema redondo ou

arredondado, ou seja, 57 % do total.

As motivações semânticas de cada um dos itens lexicais encontrados não foram analisadas, uma vez que as pesquisas foram feitas há algum tempo atrás e essa não foi uma questão abordada, ou analisada.

### **Considerações finais**

Ao nos propormos a trabalhar com as relações de significação dos itens lexicais dos Atlas Linguísticos Regionais do Brasil, partimos do questionamento se esses itens lexicais poderiam ser considerados sinônimos ou, ao contrário, se eles poderiam ser vistos como parassinônimos.

Após a leitura de vários autores das áreas de semântica, semiótica, lexicologia e lexicografia, com diferentes visões sobre o tema, chegamos à conclusão, concordando com esses autores, de que a questão da sinonímia é uma questão de gradação e de variação quer linguística, quer extralinguística, e que não há sinônimo perfeito, uma vez que o semema de nenhum item lexical recobre totalmente o semema de outro item.

Vimos, também, que a sinonímia não pode ser vista, apenas, como dois itens lexicais que têm o mesmo significado, mas ela deve ser analisada a partir das relações de significação como funções desses itens lexicais.

Respondendo à questão inicial, se os itens lexicais dos Atlas Linguísticos são parassinônimos, estamos seguros que sim, que cada um deles, apesar de terem os mesmos semas genéricos, seus semas específicos e virtuais recobrem realidades geográficas regionais diferentes, que se constituem em subsistemas marcados pela variação diatópica, já que diastraticamente as marcas da variação social: faixa etária, sexo e nível de escolarização têm características semelhantes ou iguais, o que contraria a visão de alguns autores da área.

Nossa conclusão é, portanto, que os itens lexicais dos Atlas Linguísticos são parassinônimos, sinônimos imperfeitos, quase sinônimos, sinônimos de discurso, pseudossinônimos, ou outros nomes quaisquer que lhes sejam dados.

## Referências

- AGUILERA, Vanderci de A. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná / Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1994/1995.
- \_\_\_\_\_.(Org.) **A geolingüística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.
- \_\_\_\_\_. Informações sobre outros atlas em andamento. In: AGUILERA, V. de A. (Org.) **A geolingüística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998, p. 197-203.
- \_\_\_\_\_. As conquistas do atlas Linguístico do Brasil: um balanço no início do século XXI. In: SILVA, D. E. G. II Encontro Nacional do Grupo de Estudos da Linguagem do Centro-Oeste. Integração lingüística, étnica e social. **Atas**. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004, Vol. III, disponível no *site* <<http://www.gelco.crucial.com.br>>.
- ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. **Micro Atlas fonético do estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2008. Tese (doutorado) – UFRJ.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. La situation de la géographie linguistique au Brésil. In: **Geolinguistique**, vol. III, 1987. Grenoble: Université Stendhall - Grenoble III.
- \_\_\_\_\_. **Bibliografia dialetal brasileira**. João Pessoa: UFPB, 1988.
- \_\_\_\_\_. Avaliação de procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: os questionários. In: AGUILERA, V.de A.; MOTA, J.; MILANI,G.A.L. (Orgs.). **Documentos I**. Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2004, p. 63 a 69.
- \_\_\_\_\_. Técnicas de transcrição fonética. In: AGUILERA, V.de A.; MOTA, J.; MILANI,G.A.L. (Orgs.). **Documentos I**. Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: ILUFBA/EDUFBA, 2004, p.105 a 124.
- \_\_\_\_\_.Os estudos geoLinguísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB. In: MOTA, J.;CARDOSO,S.A.M. (Orgs.). **Documento II**. Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 35 a 66.
- \_\_\_\_\_. As variantes de natureza palatal no português do Brasil: descrição e transcrição. In: MOTA, J.;CARDOSO,S.A.M. (Orgs.). **Documento II**. Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p.147 a 158.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de e MENEZES, Cleusa P.B. **Atlas Linguístico da Paraíba**: cartas léxicas e fonéticas. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.

- \_\_\_\_\_. **Atlas Linguístico da Paraíba:** análise das formas e estruturas lingüísticas encontradas. Brasília: CNPq/UFPB, 1984.
- \_\_\_\_\_; PEREIRA, M. das Neves. Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte: um projeto em desenvolvimento. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). **A geolingüística no Brasil:** trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: UEL, 2005, p.285 - 297.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Relações de significação nas unidades lexicais. In: CARVALHO, Nelly Medeiros; SILVA, Maria Emília Barcellos da.(Orgs.): ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA e TERMILOGIA DA ANPOLL – 1º. **Anais.** Recife: UFPE/CNPq, (1998), p. 19/20.
- AUGER, P. Essai d’elaboration d’um modele terminologique/terminografique variationniste. In : **TradTerm.** V.7. São Paulo : Humanitas, 1994.
- BENSE, Max; WALTHER, Elisabeth. **La semiótica** - guía alfabética. Barcelona: Anagrama, 1975.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil.** São Paulo: Ática, 1991.
- BREKLE, Herbert E. **Sémantique.** Paris: Armand Colin, 1974.
- CARDOSO, S.A. M.A geolingüística no Brasil: meio século de contribuição à ciência da linguagem e ao ensino da língua materna. **Boletim da ABRALIN**, 23. Florianópolis, 1999, p. 18-34.
- \_\_\_\_\_.**Atlas Linguístico do Brasil - ALiB** - Projeto. Salvador: UFBA, 1998.
- \_\_\_\_\_. La dialectologie au Brésil - Aperçue historique et bilan actuel. **Geolinguistique** Hors série n° 2. La géolinguistique en Amérique latine. Grenoble: Université Stendahal, Centre de Dialectologie, 2001-2002, p. 197-229.
- \_\_\_\_\_. **Atlas Linguístico de Sergipe II.** Salvador: EDUFBA, 2005.
- \_\_\_\_\_. Tinha Nascentes razão? Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil. **Estudos: Linguísticos e Literários**, 5, 1986:47-59.
- \_\_\_\_\_. Os caminhos da diatopia no Brasil. Mesa-Redonda: Os estudos da variação no Brasil: situação atual. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, VII, **Anais.** V. 2 - Lingüística, Goiânia, 1993, p. 876 a 881.
- \_\_\_\_\_. No caminho de áreas dialetais brasileiras: [tS] no decurso it. In: **BOLETIM ABRALIN**, n° 14, julho 1993, p. 301 a 312.
- \_\_\_\_\_. A língua do Nordeste (re) vivida cinquenta anos depois. In

- BOLETIM ABRALIN**, nº 15 - conferência, Julho de 1994, p. 39 a 50.
- \_\_\_\_\_. Para uma delimitação de áreas dialetais no Brasil. In **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN**, I. **Atas**. Salvador: UFBA/ABRALIN, 1996, p. 181 a 186.
- \_\_\_\_\_. Perspectivas da pesquisa sobre diversidade lingüística no Brasil. In: **BOLETIM ABRALIN**, edição 21 - junho de 1997. **Atas do CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN - I**.
- \_\_\_\_\_. A dialectologia no Brasil: perspectivas. **DELTA**, vol. 15, nº Especial, 1999, p. 233 -255.
- \_\_\_\_\_. Dialectologia: Trilhas seguidas, caminhos a percorrer. **DELTA**, 17,nº Especial, 2001:25-44.
- \_\_\_\_\_. Perspectivas para a dialectologia no Brasil. In: CARDOSO, S.A. M. (Org.) **Diversidade lingüística e ensino**.2ª ed. Salvador: UFBA, 2004, p. 105-112.
- \_\_\_\_\_. Dialectologia atual: tendências e perspectivas. In: **Revista do GELNE**, v. 5, nºs 1 e 2. João Pessoa: Idéia, 2003, p. 185-192.
- \_\_\_\_\_. O Atlas Linguístico do Brasil: o projeto e sua metodologia. **CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN - II**. **Anais**. Florianópolis: ABRALIN, 2000, p. 1824-1829.CD rom.
- \_\_\_\_\_. **O atlas Linguístico do Brasil: uma questão política**. Disponível em: <http://www.ufpa.br/razky/suzana.txt>
- CARUSO, Pedro. Amostra de um inquérito Linguístico prévio para o estado de São Paulo. In: **Alfa 26**: 69-77, São Paulo, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Atlas Linguístico do estado de São Paulo**: questionário. Assis: Instituto de Letras, História e Psicologia/UNESP; Prefeitura Municipal de Assis, 1983.
- CRUSE, D. A. **Lexical semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- CRUZ, M. L. C. **Atlas Linguístico do Amazonas**. Vol. I e II. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. 2004.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- CUBA, Marigia Antônio. **Atlas Linguístico da Mesorregião sudeste de Mato Grosso**. Campo Grande, 2009. Dissertação (mestrado) – UFMS.
- FERREIRA, Carlota da S. et al. **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- FERREIRA, Carlota da S.; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialectologia no**

- Brasil.** São Paulo: Cortez, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Diversidade do português do Brasil:** estudos de dialetologia rural e outros. Salvador: UFBA, 1988.
- FERREIRA, Carlota da S. Geografia lingüística no Brasil. **DELTA**, 11, nº 2:255-277.
- \_\_\_\_\_. Um panorama da dialetologia no Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, 14. nº Especial, dezembro de 1995. Lisboa: p. 91-105.
- GALISSON, Robert ; COSTE, D. **Dictionaire de didactique des langues.** Paris: Hachete, (1976).
- GENOUVRIER, E.; PEYTARD, S. **Linguística aplicada ao português.** Coimbra: Almeida, 1974, p. 319
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural.** São Paulo: Cultrix, 1973.
- GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica.** São Paulo: Contexto, 2008, p. 427.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica.** São Paulo: Ática, 1985.
- KOCH, W.; KLASSMANN, M.S.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.) **Atlas Linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil.** Porto Alegre / Florianópolis / Curitiba: Ed.UFRGS/Ed.UFSC/Ed.UFPR, 2002. v. 1 e 2.
- LEDENT, Roger. **Comprendre la sémantique.** Verviers: Marabout Université, 1974.
- LIMA, Luciana Gomes de. **Atlas fonético do entorno da Baía de Guanabara.** Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (mestrado) – UFRJ.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da lingüística contemporânea.** São Paulo: Cultrix, 1976.
- LYONS, John. **Semântica estrutural.** Lisboa: Presença, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à lingüística teórica.** São Paulo: Nacional, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Semantics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- MATTHEWA, Peter. **The concise Oxford dictionary of linguistics.** Oxford: Oxford University Press, 1997.
- MOTA, J.; CARDOSO, S.A.M. (Orgs.). **Documento II.** Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 67-94.
- \_\_\_\_\_. Dialectologia brasileira: o atlas Linguístico do Brasil. **Revista da ANPOLL**, n. 8, jan/jun. 2000, p. 41-57.
- OLIVEIRA, Derci Pedro de. (Org.). **Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS.** Campo Grande: UFMS, 2007.

- PEREIRA, M. das Neves. **Atlas geoLinguístico do litoral potiguar**. Rio de Janeiro, 2007. Tese (doutorado) – UFRJ.
- POTTIER, Bernard. **Linguistique générale: théorie et description**. Paris: Klincksieck, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Théorie et analyse em linguistique**. Paris: Hachette, 1987.
- RAZKY, Abdelhak. O Atlas geo-Linguístico do Pará: Uma abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. DE A. (Org.). **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998, p. 155-164.
- \_\_\_\_\_. Construção de atlas sonoros: procedimentos metodológicos para o ALISPA. In: \_\_\_\_\_.(Org.). **Estudos geo-socioLinguísticos no estado do Pará**. Belém: Gráfica e Editora Grafia, 2003, p.173-183.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **Atlas Linguístico sonoro do Pará**. Belém: UFPA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.
- REIS, Regiane Coelho Pereira. **Atlas Linguístico do município de Ponta Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai**. Três Lagoas, 2006. Dissertação (mestrado) – UFMS.
- RIBEIRO, José; Mário Roberto L. Zágari ; José Passini ; Antonio Pereira Gaio. **Esboço de um atlas Linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.
- ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- TODOROV, Tzvetan ET al. **Semiologia e lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- THUN, H. et al. El atlas Linguístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU). Presentación de un proyecto. *Iberoromânica*, 3. Tübingen, 26-62, 1989.
- ULMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena Mira (Orgs.). **Dicionário de termos Linguísticos**. v. II. Lisboa: Cosmos, 1992